

AVALIAÇÃO A MÉDIO PRAZO DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO DE CRIATIVIDADE PARA PROFESSORES DO ENSINO DO PRIMEIRO GRAU

Eunice M. L. Soriano de ALENCAR*
Denise de Souza FEITH*
Alexandra Militão RODRIGUES*

RESUMO

Foi o objetivo do estudo proceder a uma avaliação de um Programa de Treinamento de Criatividade, cinco meses após o seu término, junto a 22 professores de 3ª e 4ª séries de escolas públicas de uma Cidade Satélite do Distrito Federal, que participaram do referido treinamento. Estes professores foram entrevistados, em suas próprias escolas, respondendo a várias questões relativas ao Programa de Treinamento de Criatividade e às suas percepções de mudanças em aspectos de seu comportamento, decorrentes do treinamento. Responderam também, juntamente com outros 24 professores das mesmas escolas, a testes de natureza verbal e figurativa escolhidos dentre os Testes de Pensamento Criativo de Torrance. Os resultados obtidos indicaram uma avaliação positiva do programa por parte dos professores, cuja grande maioria considerou ainda que o mesmo contribuiu tanto para o desenvolvimento de suas próprias habilidades criativas como de seus alunos. Diferenças significativas foram ainda observadas em várias medidas de criatividade a favor dos professores que participaram do Programa.

O interesse pela implementação de programas e técnicas para o desenvolvimento do pensamento criativo é relativamente recente. Ele tomou impulso, nos Estados Unidos, no pe-

(*) Prof^{as} da Universidade de Brasília.

ríodo pós-Sputnik, quando os psicólogos e educadores americanos se conscientizaram de que para favorecer o desenvolvimento tecnológico do país, era preciso não apenas treinar o aluno para a reprodução do conhecimento, mas desenvolver também as habilidades necessárias à sua produção. Para tal, concluiu-se, era indispensável que criatividade tanto da criança quanto do jovem fosse desenvolvida e aprimorada e o treino do pensamento criativo tornou-se um dos objetivos educacionais mais populares.

Também em outros países, como Alemanha, Austrália, Israel e Japão, um interesse semelhante pelo desenvolvimento de habilidades criativas do aluno pode ser observado. No Instituto para Promoção de Arte e Ciência, ligado ao Museu Haaretz e à Universidade Tel Aviv, em Israel, por exemplo, alguns milhares de alunos de 5 a 14 anos realizam cursos extracurriculares a cada ano, nos quais o desenvolvimento das habilidades criativas ocupa um papel central (Landau, 1979). De forma similar, no Japão, o treino da criatividade, a nível individual e grupal, e o cultivo da fantasia são características predominantes do seu sistema educacional (Torrance, 1982). Neste país, a prática de atividades para o desenvolvimento da criatividade se tornou extremamente ativa, inicialmente na indústria seguida pela educação (Onda, 1986). Na Alemanha, foi criado recentemente, na Universidade Ludwig-Maximilians de Munique, o Instituto DABEL de Criatividade Técnica, onde o uso de técnicas criativas áreas da Engenharia, Mecânica, Eletrônica, tem sido pesquisada.

Desde o final da década de 50, diversas técnicas foram desenvolvidas, destacando-se dentre elas a Tempestade de idéias (Osborn, 1963), a Sinética (Gordon, 1971) e o Programa de Solução Criativa Osborn-Parnes (Parnes, 1967). Vários programas foram também desenvolvidos para serem utilizados na escola com amostras de crianças e adolescentes, destacando-se o Programa de Pensamento Produtivo (Covigton, Crutchfield & Davis, 1966) e o Programa de Pensamento Criativo de Purdue (Feldhusen, Treffinger & Bahlke, 1970).

Inúmeros estudos foram desenvolvidos com vista a avaliar a efetividade destes programas (para os interessados, sugerem-se especialmente alguns estudos de revisão deste tema, como por exemplo os de Rose & Lin (1984), Mansfield, Busse & Krepelka (1978) e Treffinger (1986). Uma análise superficial desta literatura indica um grau relativamente alto de sucesso dos

programas, confirmando a idéia de que o pensamento criativo pode ser desenvolvido através do domínio de certas técnicas e do treino.

Entretanto, um dos aspectos que salta à vista em uma análise dos estudos realizados sobre a efetividade dos diversos programas, diz respeito ao fato de que a avaliação de seus efeitos tem sido feita tradicionalmente logo após o seu término. É nossa hipótese que, neste momento, a motivação dos participantes seja maior, o que conseqüentemente vai afetar a natureza das respostas dadas nesta avaliação (a literatura não registra estudos em que a avaliação dos efeitos do programa ou do treinamento tenha sido feita meses ou anos após o término do mesmo).

Uma análise desta literatura indica ainda que apenas um número muito restrito de medidas tem sido utilizado nesta avaliação. De modo geral, estas medidas se restringem a alguns testes de pensamento divergente, onde são avaliados aspectos como fluência (habilidade de produzir um grande número de idéias utilizando-se de palavras ou figuras), flexibilidade (habilidade de produzir categorias distintas de idéias) e originalmente (produzir idéias raras e incomuns). Como são estas as habilidades também exercitadas durante as sessões de treinamento, poder-se-ia argumentar que, durante este, se praticam tarefas muito similares às medidas de critério. Com isto, fica em aberto a questão da generalização das novas habilidades aprendidas para a solução de problemas da vida real.

Nos últimos anos, desenvolvemos vários estudos sobre criatividade, como por exemplo, a respeito da efetividade de um programa de pensamento criador para criança (Alencar, 1975), e sobre habilidade do professor em identificar alunos mais e menos criativos (Alencar, 1974; Alencar, 1985a.). Investigamos também as relações entre a criatividade do professor e de seus alunos (Alencar, 1976) e as características psicossociais de alunos apontados por seus professores como mais e menos criativos (Alencar, 1984).

Em nossos estudos sobre o tema (Alencar, 1985b.), temos constatado que o desenvolvimento da criatividade do aluno não tem recebido na escola a atenção desejável. Nem as características de personalidade associadas à criatividade têm sido encorajadas na escola e nem tampouco as habilidades de pensamento criativo têm sido desenvolvidas. Constatamos, por exemplo, que diante de tarefas bem simples, como fazer um grande número de figuras com círculos ou sugerir mudanças para um brinquedo, os nossos alunos têm dificuldade em sugerir muitas

respostas. O seu desempenho nestas tarefas é significativamente inferior ao de crianças de outros países, como dos Estados Unidos (Alencar, 1974) ou mesmo das Filipinas, Índia ou Tailândia (dados sobre o desempenho de alunos destes países foram relatados em um painel sobre criatividade levado a efeito no "6th World Conference on Gifted and Talented Children", na Alemanha, em 1985, onde a primeira autora esteve presente).

Acreditamos que o baixo desempenho em tarefas que exigem várias respostas, por parte de alunos brasileiros, se deve, em grande parte, ao modelo adotado na escola brasileira. Este enfatiza de forma exagerada a transmissão e a memorização de informações (fatos e conceitos), e reduz a um mínimo a apresentação de problemas que tenham mais de uma solução correta. A curiosidade do aluno não é canalizada para a descoberta do conhecimento, não se incentivando o hábito de questionar, elaborar hipóteses, refletir e pensar criticamente e criativamente.

Preocupados com o reduzido número de habilidades que vêm sendo treinadas e desenvolvidas em nossas escolas, demos início em 1985 a uma série de estudos com um programa de treinamento de criatividade para professores do ensino de 1º grau, o qual foi realizado com distintos grupos de professores, que, ao final do programa, têm feito uma avaliação positiva do mesmo (Alencar e Fleith, 1987). Entretanto, consideramos também necessária uma avaliação a posteriori do programa de criatividade e de seus efeitos nas habilidades de pensamento criativo e comportamento do professor em sala de aula. Interessados nestes aspectos, desenvolvemos o presente estudo, com o objetivo de investigar: a) as habilidades de pensamento criativo de professores que participaram do programa de treinamento de criatividade, comparando-as com as de professores que não participaram deste treinamento; b) a opinião de professores sobre vários aspectos deste treinamento; c) a percepção de professores acerca da contribuição do mesmo para o desenvolvimento de suas potencialidades criativas e a de seus alunos; d) a sua visão acerca de mudanças na sua maneira de pensar, relacionar, ensinar e perceber o aluno, resultantes do treinamento. Estes dados foram levantados cinco meses após o término deste programa, complementando outros obtidos anteriormente, relativos aos efeitos imediatos do treinamento (Alencar, 1987).

MÉTODO

Sujeitos

A amostra foi constituída por 22 (vinte e dois) professores do sexo feminino de 3ª e 4ª séries, que haviam participado de um Programa de Treinamento de Criatividade, ministrado pelas autoras do presente estudo. Este tinha como um de seus objetivos fundamentais desenvolver as habilidades criativas e familiarizar os participantes com as diversas técnicas existentes para o desenvolvimento do pensamento criativo, objetivo este alcançado através da aplicação das mesmas no grupo de participantes. Alguns tópicos foram também abordados durante o treinamento, como por exemplo, o processo criativo, idéias errôneas sobre criatividade, traços de personalidade associados à criatividade, condições favoráveis à expressão da criatividade e barreiras ao seu desenvolvimento (uma descrição detalhada deste programa encontra-se em Alencar e Fleith, 1987).

Este treinamento teve uma duração de trinta horas, sendo desenvolvido ao longo de quinze encontros semanais de duas horas.

Todos os professores que participaram do treinamento lecionavam em uma cidade satélite do Distrito Federal, que se situa a 40 (quarenta) quilômetros de Brasília. A idade média da amostra era 35 anos e 4 meses. 62% eram casados e 38% solteiros. O seu tempo médio de experiência docente era de 9 anos e 3 meses. Do grupo total, 2 (dois) tinham somente curso de magistério. Treze professores informaram que tinham concluído ou estavam cursando Pedagogia e os demais haviam feito cursos diversificados nas áreas de Alfabetização, Inglês, Nutrição, Educação Física e Administração.

Além desses professores que participaram do treinamento de criatividade e que constituíram o Grupo Experimental, outros 24 (vinte e quatro) que lecionavam nas mesmas séries e escolas, foram solicitados a responder aos mesmos testes de criatividade administrados aos professores que participaram do treinamento, constituindo, pois, o Grupo de Controle. A idade média dos sujeitos deste grupo era de 33 anos e 6 meses, sendo 65% casados, 29% solteiros e um era viúvo. O seu tempo médio

de experiência docente era de 7 anos e 8 meses. De forma similar aos professores que participaram do treinamento de criatividade, grande número de professores que constituíram o Grupo de Controle informou que tinha feito o curso de Pedagogia ou outros, como Alfabetização, Artes Cênicas e Contabilidade.

Estes professores lecionavam em onze escolas públicas que atendiam, em sua grande maioria, crianças de status sócioeconômico baixo. Em nove escolas, as crianças permaneciam apenas três horas diárias neste local. Nas demais, o tempo de permanência na escola era de quatro horas. Um dia da semana era reservado para atividades da professora dinamizadora, responsável pela educação artística.

Testes de Criatividade

Todos os professores responderam aos seguintes testes, escolhidos dentre os Testes de Pensamento Criativo de Torrance, Forma A (Torrance, 1966): 1. Círculos; 2. Usos Inusitados; 3. Complementação de Figuras; 4. Aperfeiçoamento de Produto. Estes testes foram aplicados cinco meses após o término do treinamento, tendo sido aplicados também a um grupo de professores das mesmas séries e escolas dos professores que participaram do treinamento e que constituíram o Grupo de Controle.

No teste "Círculos", o sujeito recebe uma série de círculos, e é instruído a fazer o maior número de objetos ou de desenhos diferentes com eles. Em "Usos Inusitados", ele deve dar o maior número possível de usos novos e inusitados para latas. Em "Complementação de Figuras", o sujeito recebe 10 figuras incompletas e é instruído a completar cada uma delas. Em "Aperfeiçoamento de Produto", pede-se a ele a produção de maneiras inteligentes e incomuns de aperfeiçoar um pequeno brinquedo. Os sujeitos são encorajados, em todos os testes, a apresentar idéias ou respostas que não sejam dadas pelos seus colegas.

Cada um dos quatro testes foi avaliado nas categorias de fluência, flexibilidade e originalidade, usando-se os procedimentos recomendados por Torrance (1966). Fluência é o número total de respostas relevantes, relevância sendo definida em

termos dos requisitos das tarefas como apresentadas nas instruções. Flexibilidade é o número total de diferentes categorias em que as respostas dos sujeitos podem ser classificadas. Originalidade se baseia na raridade estatística das idéias expressas. A raridade estatística é a freqüência de ocorrência das respostas na população de respostas. Escores de 0, 1, 2, foram dados, dependendo da originalidade da resposta.

Foram escolhidos os Testes de Pensamento Criativo de Torrance, pelo fato da equipe de pesquisa vir utilizando os mesmos em seus estudos na área de criatividade.

A Entrevista

Além de responderem aos testes, os professores que participaram do treinamento foram entrevistados na própria escola onde lecionavam, sendo a biblioteca da escola o local mais utilizado para tal fim. Treze dentre as vinte e duas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Cinco professores optaram pela não-gravação da entrevista, alegando que sentir-se-iam mais à vontade sem este tipo de registro. As razões para não-gravação das demais entrevistas foram: falta de energia elétrica ou não disponibilidade de um gravador por parte do entrevistador. Nos casos em que não foi possível fazer a gravação, procedeu-se a um registro escrito de respostas dadas pelos professores com relação aos temas abordados durante a entrevista.

Todas as entrevistas foram realizadas pelas autoras do presente estudo e por três auxiliares de pesquisa, que eram alunos do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília. Observou-se, durante a entrevista, grande envolvimento e satisfação por parte dos professores, que manifestaram forte interesse em falar sobre si mesmos e sobre o seu trabalho.

Nesta entrevista, as seguintes questões foram abordadas.

- No primeiro semestre, a senhora participou de um Programa de Treinamento de Criatividade. Qual a sua opinião e respeito desse treinamento?

- Mencione três aspectos do treinamento que mais tenham despertado o seu interesse.

● A senhora acredita que este tipo de treinamento é útil ao professor? Justifique a sua resposta.

● Em sua opinião, o Treinamento de Criatividade contribuiu de alguma maneira para o desenvolvimento:

a) das suas potencialidades criativas?

b) das habilidades criativas de seus alunos?

● Acha que o Treinamento de Criatividade modificou de algum modo:

a) a sua maneira de pensar? () sim () não

b) a sua relação com os outros? () sim () não

c) a sua maneira de ensinar? () sim () não

● Caso tenha respondido afirmativamente aos itens c e/ou d, mencione um ou mais exemplos de comportamentos e/ou atitudes que possam ter sofrido qualquer modificação em função do que aprendeu no treinamento, exemplificando:

● como era antes do treinamento.

● como passou a ser depois.

● A senhora acha que um treinamento de criatividade é suficiente para que se estabeleçam condições em sala de aula para desenvolver habilidades criativas nos seus alunos?

RESULTADOS

A média, o desvio padrão e o teste t , relativos às doze medidas de criatividade dos professores que participaram do treinamento experimental e daquele que constituíram o Grupo de Controle, encontram-se na Tabela 1. Observa-se que os professores que participaram do treinamento de criatividade obtiveram escores significativamente superiores àqueles obtidos pelos professores do Grupo de Controle nas medidas de fluência figurativa do teste "Complementação de Figuras"; fluência verbal nos testes "Usos Inusitados" e "Aperfeiçoamento de Produto"; flexibilidade figurativa nos testes "Círculos" e "Complementação de Figuras"; flexibilidade verbal nos testes "Usos Inusitados"; originalidade figurativa nos testes "Círculos" e "Complementação de Figuras" e originalidade verbal no teste "Aperfeiçoamento de Produto".

Tabela 1 — Média, Desvio-Padrão e Valor "t" nas medidas de criatividade dos Professores que participaram no Treinamento e daqueles que constituíram o Grupo de Controle.

TESTE	MEDIDAS DE CRIATIVIDADE	GRUPOS	X	DP	t	P
Círculos (figurativo)	Fluência	Experimental	12,20	5,83	1,58	n. s.
		Controle	8,75	4,38		
		Experimental	9,45	4,07		
	Flexibilidade	Controle	6,91	3,41	2,19	0,05
		Experimental	13,05	8,10		
		Controle	7,25	4,80		
Usos inusitados (verbal)	Fluência	Experimental	24,60	8,52	2,93	0,01
		Controle	17,00	8,27		
		Experimental	11,30	4,38		
	Flexibilidade	Controle	8,91	3,05	2,10	0,05
		Experimental	17,10	11,09		
		Controle	12,17	9,11		
Complementação de Figuras (figurativo)	Fluência	Experimental	9,65	0,91	3,26	0,01
		Controle	7,87	2,24		
		Experimental	8,40	1,68		
	Flexibilidade	Controle	6,78	2,24	2,69	0,01
		Experimental	12,70	1,91		
		Controle	9,25	4,02		
Aperfeiçoamento de Produto (verbal)	Fluência	Experimental	15,10	5,05	2,35	0,05
		Controle	11,08	5,97		
		Experimental	5,40	1,74		
	Flexibilidade	Controle	5,92	2,36	0,80	n. s.
		Experimental	13,10	6,96		
		Controle	8,33	6,34		

Com relação aos dados obtidos através da entrevista, observou-se que dentre os vinte e dois professores entrevistados, vinte e um avaliaram o Programa de Treinamento de Criatividade de forma bastante positiva, ressaltando que o mesmo foi válido e considerando-o muito bom, como pode ser observado através de algumas respostas obtidas na questão relativa à opinião do professor sobre o treinamento, transcritas a seguir e que refletem a opinião da grande maioria:

“Eu achei ótimo, gostei muito. Embora eu tivesse uma idéia completamente diferente de como seria”.

“Esse treinamento foi ótimo, sabe por que? Me deu assim um espaço de fazer mais alguma coisa; inclusive o que faziam lá comigo, eu procurava fazer em sala de aula com minhas crianças”.

“Eu achei muito válido porque não sabia que tinha os alunos com a criatividade; eu pensava que isso não existia...”.

Apenas um participante não avaliou o treinamento de forma tão positiva, respondendo da seguinte forma a questão.

“O treinamento não foi assim uma coisa espantosa...”

Através de uma análise das respostas obtidas a esta questão, observou-se que as principais razões alegadas pelos professores para avaliá-lo de forma positiva, foram:

- Acréscimo de novos conhecimentos (47,6% dos professores ressaltaram este aspecto).

- Sugestão de atividades práticas (ressaltado por 19,0% dos professores).

- Incentivo à própria criatividade (ressaltado por 14,3% dos participantes).

Foram ainda lembradas, como justificativa para as respostas, mudanças no comportamento do professor em sala de aula, possibilidade de novos relacionamentos e atividades interessantes propostas durante o treinamento.

Alguns professores forneceram ainda sugestões, como a de aumentar a duração do treinamento, ministrá-lo em dias alternados ou seguidos, estendê-lo a mais professores e apresentar textos mais apropriados para 3ª e 4ª séries.

Quanto aos aspectos do treinamento que mais despertaram o interesse dos participantes, observou-se que foram os exercícios e partes práticas desenvolvidas (aspecto lembrado por 59,1% dos participantes), alguns temas abordados (45% dos participantes fizeram referência a este aspecto), e possibilidade de troca de experiências com os colegas durante o treinamento (ressaltado por 36,4% dos professores).

Outros aspectos também salientados foram: os testes respondidos, a forma como se deu o treinamento, consciência de que se deve respeitar e valorizar o trabalho da criança, incentivo à própria criatividade e a amizade dos coordenadores do treinamento.

A título de ilustração, transcrevemos a seguir a resposta de um dos participantes à questão relativa aos aspectos do Treinamento que mais tivessem despertado o seu interesse.

“O primeiro foi a fuga do tradicional. Eu era muito acostumada com o tradicional, fazer as coisas certinhas, bonitinhas, então... eu acho que esta fuga do tradicional ajudou bastante.

O segundo foi o entrosamento do grupo, a troca de idéias que a gente teve entre os professores... as coordenadoras não traziam a proposta pronta, a gente tinha que elaborar as próprias idéias. Então isso ajudou a gente a se auto-descobrir, a se auto-desenvolver...

O terceiro... eu acho que foi para mim mesmo, acho que foi comigo mesmo, foi eu mesmo tentar fazer em sala de aula e ver o resultado”.

Um dos aspectos também abordado na entrevista diz respeito à opinião dos participantes sobre a utilidade de um treinamento de criatividade para professores, quando vinte e um dos vinte e dois participantes foram enfáticos em afirmar que o treinamento foi útil, tendo mesmo alguns professores salientado que não apenas foi útil, como é também necessário a todo professor.

Um professor sugeriu que se deveria fazer uma palestra sobre o treinamento para todos os possíveis participantes, antes do início do mesmo, quando, então, aqueles interessados fariam a sua inscrição.

Para justificar a sua resposta afirmativa sobre a utilidade do Treinamento, alguns professores centraram-se em aspec-

tos pessoais outros em aspectos relacionais e ainda outros em aspectos ligados ao trabalho desenvolvido em sala de aula. Observou-se que, em suas respostas, sete professores ressaltaram que o treinamento acrescentou novos conhecimentos, 07, deram ênfase ao fato de que o mesmo possibilitou a aprendizagem de novas maneiras de trabalhar com o aluno e cinco ressaltaram que o treinamento serviu para despertar a própria criatividade do professor. Um deles lembrou que o treinamento chamou a atenção para a necessidade de se considerar outros aspectos no processo de ensino além do conteúdo, outro comentou que o mesmo sugeriu como inovar as aulas e ainda outro ressaltou a troca de experiências com os colegas em sua justificativa sobre a utilidade do treinamento.

O seguinte exemplo ilustra uma resposta obtida a esta questão:

“Eu acho que é. Sempre é. Justamente porque, às vezes, você tem vontade de desenvolver determinada coisa, mas você não sabe como e nem porque. Por isso é que eu disse que abre novos horizontes, te dá novas alternativas. Ou, pelo menos, te desperta para muita coisa”.

Quanto à contribuição do treinamento para o desenvolvimento das habilidades criativas dos participantes e de seus alunos, observou-se que vinte dentre os vinte e dois professores informaram que o treinamento de criatividade contribuiu para o desenvolvimento de suas potencialidades criativas, um respondeu de forma negativa e um dos professores deu como resposta: “mais ou menos”.

Quanto a contribuição do treinamento para o desenvolvimento das habilidades criativas de seus alunos, dezenove professores responderam afirmativamente, dois informaram que o treinamento contribuiu apenas um pouco e apenas um respondeu negativamente.

Os seguintes exemplos ilustram algumas das respostas obtidas a esta questão:

“Ajudou muito, porque eu tentei sair do que era comum, porque às vezes eu via a coisa como uma barreira... Mas não tinha coragem de me lançar contra a opinião pública. E hoje eu sou mais ousada”.

“Porque a partir do momento que eu consegui desenvolver um pouco mais o meu potencial, logicamente eu também

consegui fazer com que os meus alunos desenvolvessem o deles...".

Um aspecto também investigado no presente estudo foram as percepções dos professores acerca das mudanças ocorridas no seu comportamento, tendo sido considerados quatro aspectos, a saber: maneira de pensar; relação com os outros; maneira de ensinar; e percepção do aluno.

Com relação as mudanças ocorridas na própria maneira de pensar, decorrentes do treinamento, 63,6% dos professores responderam afirmativamente, 22,7% responderam negativamente, 9,1% informaram que o treinamento modificou apenas um pouco a sua forma de pensar e um não respondeu a esta questão.

Quando ao segundo aspecto (modificações na relação com os outros), 59,1% dos professores responderam afirmativamente e 36,4% negativamente, sendo que um professor informou que o treinamento modificou apenas um pouco o seu relacionamento com outras pessoas.

Quanto às possíveis modificações na maneira de ensinar, 86,4% dos professores responderam afirmativamente, sendo que, deste grupo, quatorze responderam "sim" e cinco "um pouco". Apenas três (14%) professores deram respostas negativas.

Vários aspectos foram lembrados pelos participantes para justificar a sua resposta positiva, tendo sido especialmente ressaltadas mudanças no sentido de que antes ficavam mais apegadas ao livro e ao conteúdo, passando, após o treinamento, a dar mais oportunidades ao aluno para pensar (este aspecto foi lembrado por sete professores). Outros professores comentaram que assumiram nova postura em sala, que passaram a ver a necessidade do aluno criar, que ficaram mais ativas e interessadas ou que passaram a fazer uso de jogos em salas de aula.

Os seguintes exemplos ilustram algumas das respostas obtidas a este aspecto:

"Passei a fazer muitas perguntas depois do treinamento. Ouço mais os alunos. Antes era mais crítica das idéias dos outros".

"Comecei a me preocupar mais com a maneira de incentivar a criatividade de meus alunos. E até mesmo eles, passaram a colocar para fora aquilo que estavam sentindo. Às vezes,

até eu estava sentindo alguma coisa e ficava engasgada. Lá no treinamento, eu aprendi que a gente deve falar a respeito do que sente”.

Finalmente, com relação a percepção do aluno, dezoito dos vinte e dois (86,4%) professores informaram que o treinamento havia provocado modificações nesta percepção. Um professor comentou que o treinamento modificou apenas um pouco este aspecto um respondeu negativamente (por um lapso do entrevistador, foi deixado de fazer esta questão a um dos participantes).

Para justificar a sua resposta positiva, foram lembradas pelos professores várias mudanças, como no sentido de: a) valorizar mais as idéias e o trabalho do aluno; b) perceber no aluno alguns aspectos que antes não eram capazes; c) incentivar a autoconfiança do aluno, entre outras.

Alguns exemplos de respostas dos professores são apresentadas a seguir:

“Passei a valorizar tudo aquilo que o aluno faz. Isto é muito importante, porque às vezes a gente passa por cima, fica preocupada em dar apenas o conteúdo. As vezes ocorre que o aluno tem uma idéia boa, uma sugestão boa e a gente passa por cima”.

“De repente, eu passei a tentar tudo isto que aprendi no treinamento. Então, desde o momento em que me propus isso, comecei a observar melhor os meus alunos, entender melhor o que eles faziam, sem recriminar, sem julgar, sem comparar”.

Finalmente foi também investigada a opinião dos professores sobre as condições necessárias para o desenvolvimento das habilidades criativas dos alunos, aspecto este abordado através da seguinte pergunta:

“A senhora acha que um treinamento de criatividade é suficiente para que se estabeleçam condições em sala de aula para desenvolver habilidades criativas nos seus alunos?”

Uma análise das respostas obtidas indicou que apenas dois professores responderam afirmativamente. A grande maioria (86%) respondeu negativamente, justificando as suas respostas em função da necessidade de mais cursos e treinamentos, além de salientar a necessidade de incluir mais atividades práticas e estender a sua duração. Outros enfatizaram a necessidade

de mais equipamentos e materiais na escola, bem como mais assistência e orientação ao professor durante o ano letivo, e ainda a necessidade de incluir no treinamento também a direção da escola e os responsáveis pela organização do currículo.

Seguem alguns exemplos de respostas obtidas a esta questão:

“... Eu acho que, além de você ter um curso como nós tivemos, a gente precisa também de condições materiais, porque por mais que você queira ser criativo dentro de sala de aula... eu sei que criatividade não é só você ter material, mas o material faz falta”.

“Suficiente não é, mas que é um primeiro empurrão bem bom, é. Eu acho que é um passo necessário. Se você não tiver o treinamento, não adianta, você vai fazer como? Por mais que você se desdobre, você não consegue. Então, a base é o treinamento...”

“Além do treinamento, é necessário mais assistência e também mais orientação à professora durante todo o ano letivo. Mais materiais pedagógicos na escola, que possam ser usados pela professora”.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no presente estudo indicaram um desempenho superior em medidas de pensamento criativo por parte dos professores que participaram do treinamento de criatividade, cinco meses após o seu término. Ganhos já haviam sido observados imediatamente após o término deste treinamento (Alencar, 1987) e persistiram até o momento em que os dados do presente estudo foram coletados. Estes resultados complementam outros citados pela literatura (Mansfield, Busse e Krepelka, 1978 indicando o efeito positivo do treino e da prática para a expressão das habilidades criativas em avaliações feitas após a aplicação de programas e técnicas de criatividade.

Observou-se ainda uma avaliação positiva do programa por parte da quase totalidade dos professores que participaram do treinamento. Estes ressaltaram especialmente a aquisição de novos conhecimentos, os exercícios e partes práticas

desenvolvidas e o incentivo à própria criatividade como principais razões para justificar a contribuição e utilidade deste treinamento. Também enfatizado por muitos professores foi a oportunidade de troca de experiências e novos relacionamentos com colegas de profissão.

Os professores afirmaram que o treinamento contribuiu também para o desenvolvimento de suas próprias habilidades criativas e a de seus alunos, informando ainda que mudanças ocorreram em sua maneira de pensar, de ensinar e em sua percepção do aluno, como conseqüência do treinamento. Ressaltaram, principalmente, que passaram a dar mais oportunidade para os alunos pensarem, valorizando mais as suas idéias e contribuições, ao mesmo tempo em que assumiam uma nova postura em sala de aula.

Observou-se que muitos participantes, apesar de terem uma formação pedagógica de nível superior, não tinham conhecimento de aspectos ligados ao pensamento criador, aos traços de personalidade associados à criatividade e às condições favoráveis a seu desenvolvimento em sala de aula. Muitos desconheciam ainda que o potencial criador encontra-se presente em todo ser humano, podendo, porém, ser inibido caso o ambiente não favoreça o seu desenvolvimento. Este dado confirma a observação as autoras do presente estudo de que os professores não estão preparados para desenvolver no aluno um número maior de habilidades, oferecendo poucas oportunidades para que estes elaborem as próprias idéias e façam uso de seu pensamento crítico e criativo. A grande maioria dos professores permanece preocupada apenas com a transmissão do conteúdo programático. Observa-se ainda que, nos cursos de formação de docentes, alguns temas como a influência do professor sobre o aluno, o seu papel na formação do autoconceito, traços de personalidade que devem ser cultivados no contexto escolar, habilidades cognitivas a serem desenvolvidas — não têm sido tradicionalmente abordados.

Embora os professores tenham avaliado o treinamento de forma altamente positiva, sugerindo mesmo que este deveria ter uma duração maior, foram também unânimes em afirmar que, para se estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento da criatividade do aluno, são necessários, além de um treinamento de criatividade, mais assistência e orientação aos professores

durante o ano letivo, além de mais equipamentos e materiais pedagógicos, que deveriam permanecer disponíveis na escola.

Observou-se que todos os professores trabalhavam em escolas que dispunham de poucos recursos e que atendiam, em sua maioria, a uma clientela de baixa renda que permanecia na escola por um tempo reduzido e insuficiente para o desenvolvimento satisfatório do programa curricular. Conseqüentemente, um maior esforço do professor é necessário a fim de que possa compensar as dificuldades e deficiências que muitas das crianças apresentam no início do ano letivo e que tendem a aumentar, dadas as precárias condições existentes na maioria das escolas.

Os dados obtidos no estudo sugerem um efeito positivo do treinamento no comportamento do professor em sala de aula e mudanças percebidas pelos professores em sua própria visão do ensino e aprendizagem. Entretanto, é necessário lembrar as limitações de um dos instrumentos utilizados para obter tais dados — entrevistas semi-estruturada — na medida em que esta nos permite conhecer apenas as percepções dos professoras acerca dos efeitos do treinamento de criatividade, porém estas percepções podem diferir significativamente do comportamento efetivo dos professores em sala de aula. Para tal, seria necessário proceder a um registro observacional direto do comportamento das professoras antes e após o treinamento, aspecto este que sendo examinado em um estudo em andamento de nossa autoria.

SUMMARY

The study was designed to evaluate a Creativity Training Program, after five months of its completion, in a sample of 22 public-school teachers of third and fourth grade from a satellite city of the Federal District, Brazil. These teachers were interviewed in their schools, being requested to answer several questions about the Creativity Training Program and about changes perceived in their behavior due to the program. These teachers as well as other 24 teachers from the same schools were also tested on creativity by means of the Torrance Tests of Creative Thinking, verbal and figural. Results indicated a positive evaluation of the program for most teachers. They stressed the contribution of the program to the development

of their students. Differences were also observed in several measures of creativity in favor of the teachers who completed the Creativity Training Program.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. M. L. S. (1974). Um estudo de criatividade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 26, 59-68.
- ALENCAR, E. M. L. S. (1975). Efeitos de um programa de criatividade em alunos de 4ª e 5ª séries. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 27, 3-15.
- ALENCAR, E. M. L. S. (1976). Relação entre o nível de criatividade do professor e de seus alunos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 61, 139, 376-380.
- ALENCAR, E. M. L. S. (1984). Características psicossociais de alunos mais e menos criativos. **Interamerican Journal of Psychology**, 18, 87-100.
- ALENCAR E. M. L. S. (1985a.). The identification of the creative gifted by trained and untrained elementary-school Brazilian teachers. Trabalho apresentado no 6th World Conference on Gifted an Talented Children. Hamburgo, Alemanha, 1985.
- ALENCAR, E. M. L. S. (1987). Efeitos de um programa de treinamento de criatividade nas habilidades de pensamento criativo de professores e alunos do ensino de primeiro grau. Relatório Técnico. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- ALENCAR, E. M. L. S. (1985b.). Creativity in Brazilian Schools. **Gifted, Creative, Talented**, 15-17.
- ALENCAR, E. M. L. S. & Fleith, D. S. Avaliação de um programa de treinamento de criatividade por professores do ensino de 1º grau. **Forum Educacional**, 1987, 11, 51-63.
- COVINGTON, M. V., CRUTCHFIELD, R. S., & DAVIS, L. (1966). The Productive Thinking Program. Berkeley: **Education Innovation**.

- FELDHUSEN, J. F., TREFFINGER, D. J., & BAHLKE, S. J. (1970). Developing creative thinking: The Perdue Creativity Program. **Journal of Creative Behavior**, 4, 85-90.
- GORDON, W. J. J. (1971). SYNECTICS. In G. A. DAVIS & J. A. Scott (Eds.), **Training creative thinking**. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- LANDAU, E. (1979). The Young Persons Institute for the Promotion of Science. In Gallagher, J. J. (Ed.) **Gifted Children**. Reaching their potential. Jerusalém: the Israel Economist.
- MANSFIELD, R. S., BUSSE, T. V., & KREPELKA, E. J. (1978). The effectiveness of creativity training. **Review of Educational Research**, 48, 517-530.
- ONDA, A. (1986). Trends in creativity research in Japan, History and present status. **The Journal of Creative Behavior**, 20, 134-143.
- OSBORN, J. E. (1963). **Applied imagination**. New York: Charles Scribner's Sons.
- PARNES, S. J. (1967). **Creative behavior guidebook**. New York: Scribner's.
- ROSE, J. H., & LIN, H. T. (1984). A meta-analysis of long-term creativity training program. **Journal of Creative Behavior**, 18, 11-22.
- TORRANCE; E. P. (1982). Ten lessons on the development of giftedness and talent from Japan. **Gifted International**, 1 (1): 61-71.
- TREFFINGER, D. J. (1986). Research on creativity. **Gifted Child Quarterly**, 30, 15-19.